

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

NEM MAIS UM MINUTO DE SILÊNCIO: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DOS ATINGIDOS PELO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DO FUNDÃO EM MARIANA (MG)

Flávia Pereira Dias Menezes (POSLING/CEFET Minas) - flaviapdias@yahoo.com.br

Doutoranda em Linguística pelo CEFET MG, estuda narrativas de vida, memória e análise do discurso. É jornalista responsável pela divulgação científica no Cefet Minas.

Georgiana Luna Batinga (PPGA/PUC Minas) - georgianaluna@yahoo.com.br

Doutoranda em Administração pela PUC Minas, atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura e consumo, comunicação, linguagem e discursos organizacionais.

Elisângela de Jesus Furtado da Silva (CEPEAD/UFMG) - elisangelafurtado23@gmail.com

Mestranda em Administração pela UFMG. Bolsista CNPQ. Especialista em Gestão Estratégica de RH Pela UFMG. Graduada em Administração pela PUC Minas. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Possui experiência na área de Saúde Pública, Instit

Nem mais um Minuto de Silêncio: Narrativas Autobiográficas dos Atingidos pelo Rompimento da Barragem do Fundão em Mariana (MG)

Resumo:

Este estudo tem como objetivo problematizar a silenciamento e o lugar de esquecimento que os sujeitos marginalizados comumente estão submetidos, aqui representados pelos moradores atingidos pelo rompimento da barragem do Fundão, no município de Mariana (MG) em 2015, que, para serem ouvidos, se organizaram em movimentos sociais tais como “atingidos pela mineração”, “atingidos pelas barragens”. O estudo será conduzido por meio de uma análise discursiva das narrativas autobiográficas registradas na peça audiovisual midiática denominada *Vozes de Mariana*, elaborada pelo jornal Estado de Minas, na ocasião do acidente. Nele, os atingidos narram suas trajetórias de vida no período após o acidente, e contam suas experiências vividas no antes, no durante e no depois, suas angústias, perdas, dramas, lutos, memórias e expectativas de (re)construção. A importância de se retomar essa temática e se manter seu registro se dá em função de que o ocorrido não ficou no passado, ele encontra-se no presente, como relatado por uma atingida, “o acidente não aconteceu, está acontecendo”. Para tanto, esse *corpus* será analisado à luz do quadro teórico-metodológico constituído com base nas proposições da Teoria Semiollingüística do linguista Patrick Charaudeau, pertencente a terceira geração da Análise do Discurso Francesa (ADF).

Palavras-chave: Acidente da Samarco. Atingidos. Invisibilidade. Narrativas Autobiográficas. Teoria Semiollingüística.

Introdução

Recentemente algumas produções biográficas tem surgido como espaços legitimadores que elegem narrar trajetórias de vida de sujeitos marginalizados, que vivem fora dos holofotes midiáticos e políticos e não possuem notoriedade ou representatividade na sociedade, ainda que as iniciativas sejam incomuns. Para fins deste artigo, entende-se por sujeitos marginalizados, aqueles que sofrem direta ou indiretamente com as condições de vulnerabilidade social que uma sociedade desigual produz, aqueles que “destoam” dos padrões sociais normativos e que, ao longo da história e de suas estórias, foram silenciados por motivações diversas, seja por questões de gênero, econômicas, sociais, ideológicas, políticas, raciais, sexuais ou religiosas, são os índios, homossexuais, encarcerados, deficientes, mulheres, idosos, negros, imigrantes, para citar alguns.

Elege-se como objetivo deste artigo problematizar essa condição de exclusão, vivenciada por esses grupos, aqui representado pelos moradores atingidos pelo acidente da Samarco, por meio da condução de uma análise discursiva do especial audiovisual midiático denominado *Vozes de Mariana*, produzido pelo jornal *Estado de Minas*. Nele, os atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco dão a conhecer suas trajetórias de vida que eles tentam (re)construir depois de vivenciarem a tragédia ocorrida no dia 5 de novembro de 2015, na cidade de Mariana, em Minas Gerais, quando a barragem se rompeu e muitas vidas e casas foram destruídas. O quadro teórico-metodológico será constituído com base nas proposições da Teoria Semiollingüística do linguista Patrick Charaudeau.

Para a análise, serão considerados alguns conceitos propostos por Charaudeau, como os de contrato de comunicação e patemização. Pretende-se mostrar que o discurso segue determinadas normas impostas pelo contrato e é afetado pelas intenções do locutor o qual se valerá de estratégias que produzirão emoção. Com a proposta, espera-se contribuir com os estudos que abordam as narrativas de vida, especialmente pelo viés analítico-discursivo.

Como sujeitos marginalizados são àquelas pessoas que, historicamente, têm suas vozes silenciadas e apagadas na sociedade, e esperam um momento para serem ouvidos, entendemos que os “atingidos pela barragem” se enquadram nessa definição por não terem acesso ao espaço midiático que da grande mídia para emitirem suas opiniões. O jornal *Estado de Minas*, diferentemente, abriu um espaço para que eles pudessem narrarem o ocorrido, contando o que presenciaram no dia do rompimento, e todo o desenrolar dos dias seguintes, suas perdas e planos futuros.

O Evento e as Narrativas de Vida

O cenário é o acidente ocorrido na tarde do dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, localizada na cidade de Mariana (MG), responsável pelo lançamento de 34 milhões de m³ de lama no meio-ambiente, resultado de sua produção de minério de ferro. Seiscentos e sessenta e três quilômetros de rios e córregos foram atingidos; 1.469 hectares de vegetação comprometidos; 207 edificações foram soterradas no distrito de Bento Rodrigues, localizado próximo a Mariana. Foi considerada a maior catástrofe ambiental da história do país (BRASIL, 2015).

A enxurrada de rejeitos da mineração formou uma onda de lama que se espalhou pela região e, em questão de horas, chegou ao rio Doce, cuja bacia é a maior da região Sudeste do país com uma área total de 82.646 quilômetros quadrados, equivalente a duas vezes o Estado do Rio de Janeiro. A lama avançou pelo rio e seus afluentes, chegando ao oceano, no estado do Espírito Santo, dezesseis dias depois do acidente. Laudos técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e da Agência Nacional das Águas (ANA), afirmam que “o nível de impacto foi tão profundo e perverso, ao longo de diversos estratos ecológicos, que é impossível estimar um prazo de retorno da fauna ao local, visando ao reequilíbrio das espécies na bacia” (BRASIL, 2015).

As consequências do rompimento da barragem não se limitam aos aspectos socioambientais. Um povoado inteiro desapareceu, foram 19 vítimas fatais, dentre elas, 14 trabalhadores terceirizados que estavam a serviço da Samarco, e mais de 600 famílias desabrigadas. Vale ressaltar, que centenas de famílias se viram obrigadas a abandonar suas moradias em Barra Longa, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, distritos de Mariana. O prejuízo não pode ser resumido apenas em perdas materiais. Essas pessoas perderam seus laços culturais, sua noção de vizinhança, o pertencimento a uma história e a um ambiente que moldou seu modo de viver. Tiveram excluídos seus bens, trabalho, registros, documentos e as recordações acumuladas no curso de suas vidas. Passaram a viver em condições provisórias e precárias, a elas impostas, afastadas de seu ambiente sociocultural e das condições necessárias para a sua reprodução social. Subtraídas em sua autonomia, vivem sob um sofrimento social imputado pela dependência em relação a empresas e às instituições (FIOCRUZ, 2016).

O evento que afetou muitos sujeitos-cidadãos recebeu ampla cobertura pela grande mídia, responsável por dar significado a esse acontecimento, ocupando o lugar de principal referência ao informar e atualizar as pessoas sobre variadas questões, distinguindo a pertinência ou não de certas abordagens, categorizando-as, tipificando-as. Os meios de comunicação têm papel relevante na mediação de sentidos e na promoção do debate público. Diante de uma “avalanche” de questionamentos e curiosidades sobre as pessoas que vivenciaram aquela situação de desespero, a equipe de jornalismo do *Estado de Minas* entrevistou dias após o acontecimento, alguns atingidos. Nessa situação, surgiu a ideia de se registrar essas entrevistas no formato de um material audiovisual gravado e posteriormente editado, divulgado no portal de notícias do referido jornal.

As narrativas de vida, de modo geral, se caracterizam pela capacidade de um sujeito-enunciador ordenar a trajetória de si mesmo ou de outro sujeito, sendo que o indivíduo ao narrar, articula momentos trazidos pelas suas próprias lembranças, recordações e/ou por documentos escritos e ditos de outros personagens, conferindo, assim, um “ordenamento” às etapas de uma trajetória pessoal e profissional. Na mídia, as construções biográficas e autobiográficas desempenham papéis culturais fundamentais na sociedade ganhando uma dimensão relevante na contemporaneidade ao atribuir significado e sentido em um mundo marcado pela dispersão e efemeridade. Narrativa de vida é o processo discursivo assumido por um sujeito que conta a vida de um indivíduo que existe ou existiu, sendo ele o próprio narrador de sua história ou outro. O processo de contar a vida de outra pessoa acontece quando um jornalista/sujeito-enunciador/autor/narrador da história seleciona os fatos que pretende mostrar, desvelar, esclarecer em torno do sujeito biografado e, ao mesmo tempo, consciente ou não, silencia dados e deixa certas informações no nível do velado (CARVALHO, 2016).

É relevante destacar que os sintagmas biografia, autobiografia, relatos de vida, história de vida, ato-de-se-contar ou falar-de-si, narrativas de vida entre outros axiológicos são utilizados, de modo geral, para remeter a uma situação em que um entrevistador solicita ao outro que lhe conte a sua história de vida ou uma trajetória dessa. Arfuch (2010) traz o conceito de “espaço biográfico” para explicar essa emergência das narrativas de si na sociedade contemporânea, as diversas possibilidades de manifestação da dimensão biográfica em diferentes espaços e gêneros não tradicionais marcados para esse fim, incluindo, assim, a mídia e as entrevistas (ARFUCH, 2010).

Machado (2016) aponta quatro possibilidades que motivam certos indivíduos a empreenderem em uma narrativa de suas vidas ou de alguns fatos destas: o do sujeito-narrador testemunha de uma fatalidade; o do sujeito-narrador intelectual e criador de ideias que quer deixar algo de seu trabalho ou de sua vida dedicada a este trabalho para a prosperidade; o do sujeito-narrador político, aquele quem solicita lembranças ligadas a seu passado; o do sujeito-narrador irônico, aquele que ri de si mesmo. No caso deste trabalho, os sujeitos-narradores são testemunhas de uma “fatalidade”.

Na contemporaneidade, evidencia-se uma “avalanche” de narrativas de vida de anônimos e também de sujeitos conhecidos pelo grande público. A mídia, nesse contexto, se torna um suporte de divulgação das narrativas e é entendida como um espaço da memória e não apenas de fragmentos. A entrevista midiática é vista como uma forma de registro da experiência e concentra funções, tonalidades e valores biográficos. O espaço biográfico na entrevista, para Arfuch (2010), define-se como um conjunto de momentos autobiográficos, ou seja, as entrevistas midiáticas estão sendo consideradas como um

espaço de relatos de vida, mesmo que fragmentário e anedótico. Para a autora, a entrevista na mídia “encena a oralidade da narração” e “torna visível a atribuição da palavra, gerando um efeito paradoxal de espontaneidade e autenticidade”.

Portanto, ao narrar-se, o sujeito recorre-se à memória e lembranças de experiências e acontecimentos vividos e, assim, estrutura a vida e constrói sua identidade pela sua atuação na sociedade e no relacionamento com os outros. Trabalhar com os relatos (auto) biográficos de pessoas anônimas e marginalizadas e menosprezadas pela sociedade é revelar, portanto, a riqueza de possibilidades de estudo sobre as narrativas em diferentes materialidades discursivas e favorecer a discussão sobre um espaço de produção de sentidos. É revelar as máscaras do “eu” presentes nas narrativas e refletir sobre a relação do sujeito com a coletividade (ARFUCH, 2010; MACHADO, 2006).

A Teoria Semi linguística e seus pressupostos teórico-metodológicos

Inserida em uma perspectiva pragmática ligada a uma dimensão psicossocial, o principal objeto da Teoria da Semi linguística, ou simplesmente Semi linguística é a linguagem. Ela possui em seu escopo conceitos que dizem respeito à dinâmica dos sujeitos do discurso e a forma de analisar o discurso se apresenta essencialmente comunicativa, sendo que o estudo da comunicação entre os diferentes sujeitos na vida social tem um espaço privilegiado. O ato de comunicação, para Charaudeau (2012), é representado por um dispositivo ocupado por um sujeito falante (o locutor ao falar ou escrever) em uma relação que se estabelece com um interlocutor. Os componentes desse dispositivo são constituídos por uma situação de comunicação, ou seja, o enquadre físico e mental onde estão os parceiros do ato de comunicação; os modos de organização do discurso, que constituem os princípios de organização da matéria linguística; a língua, que é o material verbal; e o texto, que é o resultado material do ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2012).

Entre os compromissos teóricos de Charaudeau, estão as múltiplas dimensões envolvidas em um ato de linguagem, um dos pontos-chaves da teoria, e a intencionalidade dos sujeitos. Destacam-se, ainda, a articulação entre os planos situacional e linguístico e a importância atribuída às interações sociais. Os atos de linguagem são atos comunicativos carregados de intenções e motivações, onde o “eu” que fala ou escreve se dirige a um “tu”. O ato de informar consiste em uma encenação que resulta de competências que, segundo Charaudeau (2012), produzem atos de linguagem próprios de sentido e vínculo social. Essas competências são de ordens situacionais, semi linguísticas e semânticas. A competência situacional ou comunicacional diz respeito às identidades dos locutores e interlocutores envolvidos na interação e a finalidade da comunicação. A competência semi linguística consiste no modo de organização do discurso que pode ser enunciativo, descritivo, narrativo ou argumentativo. E a competência semântica compreende os saberes de conhecimento e de crenças envolvidos na interação de comunicação, entre os quais se situam as ideologias e os imaginários sociais¹ (CHARAUDEAU, 2007; 2012).

O ato de linguagem, para o autor, se estrutura, portanto, a partir de um contrato específico e se organiza em função de dois circuitos: externo e interno. No externo, estão definidas

¹ Os imaginários, como afirma Charaudeau (2007), são o modo de apreensão do mundo, que nasce dos mecanismos das representações sociais, as quais transformam a realidade em real significante. Resultam de um processo de simbolização e significação do mundo, de ordem afetivo-racional, por meio da intersubjetividade das relações humanas e se deposita na memória coletiva.

as identidades dos interlocutores, a finalidade da situação de comunicação, o propósito temático e o suporte no qual a interação se realiza. O circuito interno, por sua vez, é a efetivação das estratégias discursivas empenhadas de cada interlocutor. Na interdependência desses dois circuitos que o ato de comunicação revela, portanto, sua intencionalidade e significância (CHARAUDEAU, 2007; 2012).

Cada discurso possui, portanto, um contrato específico. O contrato, segundo Charaudeau (2010, p.56) “pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais”. De acordo com a perspectiva do autor, os sujeitos são portadores de identidade, estão socialmente situados, possuem recursos específicos que condicionam na definição de seus cursos de ação e são caracterizados com um projeto de fala, objetivos que os motivam na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente. Para que um ato de comunicação se efetive plenamente, portanto, é preciso que os indivíduos envolvidos no ato de linguagem sigam algumas diretrizes de comportamento linguísticas e extralinguísticas próprias à situação de troca (dados externos) e das características discursivas (dados internos) (CHARAUDEAU, 2007; 2012).

No caso do contrato de comunicação midiática, segundo Charaudeau (2010), ele se encontra em uma tensão entre a visada de informação propriamente dita (de fazer saber) que tem o objetivo de informar o cidadão; e a visada de captação (de fazer sentir).

No contrato de informação, é a primeira visada que domina, a do fazer saber, que está ligada à verdade, a qual supõe que o mundo tem uma existência em si e seja reportado com seriedade numa cena de significação credível. A segunda visada, a do fazer sentir, deveria ser secundária em tal contrato, pois é contrária à precedente. (CHARAUDEAU, 2010, p. 87)

Para concluir essa seção, é importante tratar da temática do *pathos*. Para Charaudeau (2007, p. 10), a patemização é uma categoria de efeito, ou seja, é o efeito produzido pelo locutor no auditório. “O efeito patêmico pode ser obtido tanto por um discurso explícito e direto, na medida em que as próprias palavras têm uma tonalidade patêmica, quanto implícito e indireto, na medida em que as palavras parecem neutras deste ponto de vista”. Porém, o autor chama a atenção para três tipos de problemas: o surgimento de palavras que descrevem de maneira transparente emoções como “raiva”, “angústia”, “horror”, “indignação” etc., não significa nem que o sujeito as sinta como emoções (problema de autenticidade), nem que elas produzirão um efeito patêmico no interlocutor (problema de causalidade). Há palavras também que não descrevem emoções como “assassinato”, “conspiração”, “vítimas”, “manifestação”, “assassino”, mas são susceptíveis de estarem no universo patêmico. Ou seja, de acordo com o contexto, a palavra pode ser alterada ou até mesmo se inverter.

E por fim, há enunciados que não comportam palavras patemizantes, mas mesmo assim são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação. Portanto, “a produção de efeitos intencionais visados depende das inferências que os parceiros do ato de comunicação podem produzir, e que estas inferências dependem do conhecimento que esses parceiros podem ter da situação de enunciação” (CHARAUDEAU, 2007, p.10). Desta forma, há três condições para que o discurso tenha efeito patêmico. A primeira delas diz que o discurso produzido se inscreva em um dispositivo comunicativo cuja finalidade e os lugares que são atribuídos previamente aos parceiros da troca, predispõem ao surgimento de efeitos patêmicos.

Assim, os dispositivos da comunicação científica e didática, por exemplo, não se predispõem aos surgimentos desses efeitos, diferentemente dos dispositivos da comunicação ficcional, da comunicação midiática, da narrativa de vida.

A segunda condição para que o discurso seja patemizante está ligada ao campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo. A temática deve prever a existência de um universo de patemização e propor certa organização das tópicas capazes de provocar o efeito. Já a terceira condição está atrelada ao espaço de estratégia deixado disponível pelas limitações do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação se valha da *mise en scène* discursiva com visada patemizante.

Levando-se em consideração que qualquer ato de discurso, sendo em parte limitado por condições situacionais (que chamo de “contrato de comunicação”), e em parte deixado para a responsabilidade do sujeito da enunciação (que chamo de “espaço de estratégia”), podemos dizer que a patemização do discurso resulta de um jogo entre limitações e liberdades enunciativas: é preciso condições de possíveis visadas patêmicas inscritas no tipo de troca. Entretanto, essas visadas, se elas são necessárias, não são suficientes. Isso porque o sujeito de enunciação pode escolher entre reforçá-las, apagá-las, ou até mesmo, acrescentar-lhe algo. Reforçá-las quando, por exemplo, as mídias tratam da morte dramática da princesa do País de Gales. Apagá-las como em certos discursos oficiais (e particularmente no da rainha da Inglaterra durante o velório da Princesa Diana), ou como em uma narrativa fantástica. Acrescentar-lhe algo quando, por exemplo, um professor faz o papel de palhaço ou ameaça os alunos em sala de aula. (CHARAUDEAU, 2007, p.11)

A partir da encenação televisiva, Charaudeau (2007) propõe quatro tópicos: “tópicos do pathos”, tópico da “dor” e seu oposto, a “alegria”, o tópico da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; o tópico da “anti-patia” e o seu oposto, a “simpa-patia”; o tópico da “repulsa” e seu oposto, a “atração”. No campo da dor, temos a introspecção do sujeito e a enunciação elocutiva (o sujeito falante que expõe seu ponto de vista sobre o mundo) e a alegria possui as mesmas características da dor, mas sobre o pólo oposto da satisfação do desejo, do bem-estar corporal e moral, que faz dizer ao sujeito: “estou bem comigo mesmo”. A angústia faz com que o sujeito mobilize uma rede de crenças que lhe faz encarar diferentes representações, sempre negativas (biológicas, epidemias, sociais, guerra, criminalidade, desemprego) frente ao qual ele permanece à distância, à espera de saber (ele diz: “o que é que me espera?”). A esperança tem as mesmas características da angústia, mas na espera de um benefício, de um acontecimento feliz, de uma melhora do destino.

A antipatia deve ser considerada como uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: vítima de um mal, responsável pelo mal, sujeito observador-testemunha. Na simpatia, o sujeito está em estado de emoção (crenças morais) no que diz respeito ao perseguido e em comportamento de ajuda para aliviar o sofrimento dele. Na atração, o sujeito é voltado para um actante benfeitor que repara um sofrimento. Na repulsa, o sujeito tem um movimento de desaprovação ou até mesmo de rejeição violenta dessa imagem, sem que, entretanto, ele esteja em condições de destruí-la.

As marcas linguísticas que denunciam a presença do sujeito na enunciação têm potencial para provocar emoção. As marcas dessa subjetividade podem ser encontradas nos operadores argumentativos (mas, porém); expressões adverbiais modais (poder, dever);

orações modalizadoras (eu acho que, é claro); índices de avaliação (muito triste, muito cruel). Outras estratégias patemizantes são palavras e expressões desencadeadoras de efeitos patêmicos (fé, Deus, pior momento da minha vida); palavras que descrevem emoção (beijo, abraço, compaixão); enunciados que desencadeiam emoção (um beijo, um abraço e mais nada; veio uma onda e jogou ela pra dentro da lama); menção a situações vividas (acabou com a minha vida; eu salvaria meu cachorro); topoi (Se não fosse a mão de Deus, ninguém estaria ali); repetição de palavras (cruel, muito cruel, muito cruel mesmo). Acrescentam-se como estratégias patemizantes que podem ser encontradas no corpus em análise, as lembranças de animais de estimação (apego) e a descrição de detalhes da lama destruindo as casas e levando pessoas.

Análise do corpus

O corpus deste trabalho se constitui de trechos retirados das narrativas dos atingidos e de pessoas que estavam presentes e testemunharam os danos do rompimento da barragem da Samarco em 5 de novembro de 2015, materializadas em um especial audiovisual de três minutos e 11 segundos, realizado pelo jornal Estado de Minas.

Cruel, 'foram' cruel mesmo. Não teve compaixão da gente. Muito cruel, fui arrancada da minha casa, muito, muito triste. Foi o pior momento da minha vida. (Sandra Quintão)

Ela falou que minha mãe tava no terreiro de casa com a lama já batendo no joelho dela. Aí veio uma onda e jogou ela para dentro da lama. E ela sumiu lá no meio da lama. (Marcelo José Felício)

A última coisa que tive da minha filha foi um beijo, um abraço e mais nada. (Pamela Rayane)

Quando nós chegamos ao alto, a lama já tinha Dio e voltado. Quando vi, veio uma árvore, bateu na minha casa, levantou e ela desmanchou de uma vez. (Marinalva Salgado)

Eu acho que esse dia foi o meu Dia D. acho que cada um na vida tem o Dia D dele. É o dia que vai testar cada um, mas esse foi o meu DiaD. (Leonard Fasah)

Nesse momento de lanche, eu estava escutando um barulho. Era como se fosse um motor ligado. Vem muito na minha mente turbina de avião. (Mírian Carvalho)

Quando cheguei lá, no ônibus das 4, tavam avisando que a represa tinha arrebentado. Eu mesma não tava acreditando que tinha arrebentado não. (Nívea da Silva)

Foi uma correria, um chorava, um gritava. Todo mundo correu para a parte mais alta. (Edinaldo da Silva)

Quando eles 'gritou' que a barragem estourou, já não dava tempo de sair. Quando fomos pra porta, a água já tava entrando em casa, levantando carro. (Marcos Júnio de Souza)

Não existia Bento mais. Só existia as coisas indo pela água abaixo, pessoas no barro. (Maria do Carmo)

Tranquilo nada. Acabou com a minha vida. Cachorro é a que a gente sente mais falta, galinha é fácil de repor, mas cachorro... (Geraldo da Silva)

Eu salvaria meu cachorro. Chamava Jason. Porque ele tomava conta da minha família. Eu criei ele para isso. (Onézio Souza)

Se alguém não tem fé, eu tenho, porque existe a mão de Deus. Se não fosse a mão de Deus, ninguém taria lá. (Leontina Marcelino)

Cheiro de boi podre, quando o boi ta apodrecendo. Muito ruim. E aquilo ali atacou pra cabeça. (José Pascoal)

Toda noite ele me acorda e fala: “Mamãe, aqui em Mariana tem ‘varragem’, não? Vamos precisar correr para morro não?” “Não, João Pedro, aqui estamos tranqüilos”. (Paula Geralda Alves)

O que a gente viu, saindo de casa, percorrendo quase um quilômetro para correr de lama. A gente não vai esquecer nunca (José do Nascimento)

Na composição do vídeo, os enunciadores narram as suas experiências no dia do rompimento da barragem. O vídeo foi divulgado no portal de notícias do referido jornal e esperava-se que o produto possuísse as características próprias do contrato de comunicação jornalístico, qual seja, a presença do jornalista no lugar de narrador do acontecimento. Porém, o que interlocutor encontra é o gênero “narrativas de experiências de vida”, assinalado pelas características comunicacionais que o constitui, ou seja, seguindo as regras identificadas como próprias deste contrato de comunicação que privilegia o testemunho.

Inicialmente, o audiovisual contextualiza o interlocutor, procurando responder a perguntas basilares para a ocorrência de relatos de vida: Quem? (Narradores dos relatos) – os atingidos pela barragem da Samarco, em Mariana (MG); O quê (o fato narrado) – relatos de passagens vivenciadas pelos atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos; Quando (tempo) – 5 de novembro de 2015; Como? (De que maneira) – os atingidos presenciaram ou vivenciaram o drama de verem suas casas serem levadas pela lama. Por quê? (Qual a causa do fato?) – Problemas técnicos da barragem de rejeitos.

O locutor (papel assumido pelo jornal *Estado de Minas*) projeta diversos biografemas, que, segundo Barthes (2003), seriam uma representação dos “fragmentos de uma vida”, uma espécie de invenção pautada num modelo real imaginário que visa garantir contornos específicos a uma biografia ou a uma autobiografia. No vídeo, constata-se que os biografemas utilizados como critérios para a construção do roteiro foram: situação de desespero ao expor a brutalidade do acontecimento versus a irresponsabilidade da Samarco (que está no nível do subentendido); perdas de pessoas queridas: vizinhos, familiares; o que presenciaram no dia do rompimento, o que as pessoas ouviram e viram; saudades e apegos; como a vida está após o acontecimento; fé; o não esquecimento. Considerando-se a “patemização” como uma categoria de efeito, serão destacadas algumas passagens do relato que se caracterizam pelo emprego de estratégias comunicacionais que desencadeiam a emoção.

O primeiro enunciador é a atingida Sandra Quintão que dá início ao vídeo já bastante emocionada e com choro evidente. Ora, introduzir um vídeo com uma pessoa em prantos já é uma estratégia patemizante. No trecho que se segue, pode-se observar a utilização de estratégias de patemização como as palavras que descrevem de modo transparente a emoção e palavras que desencadeiam emoção.

Cruel, ‘foram’ cruel mesmo. Não teve *compaixão* da gente. *Muito cruel, fui arrancada da minha casa, muito, muito triste.* Foi o *pior momento da minha vida.* (Sandra Quintão)

A repetição da palavra *cruel* possui estratégia forte de emoção, demonstra dor, tristeza, revolta. E os índices de avaliação (muito triste, muito cruel) também reforçam a emoção. A expressão *pior momento da minha vida* é desencadeadora de efeitos patêmicos e palavra *compaixão* descreve emoção e já possui em si uma tonalidade patêmica. A expressão *fui arrancada* exprime uma situação de violência, vivida pela moradora e que provoca o mesmo tempo angústia e raiva. Em todos os enunciados dos atingidos, há marcas gramaticais e lexicais que retratam bem os relatos de experiências de vida como o emprego de pronome de primeira pessoa do discurso (eu e nós) para narrar o que presenciaram e viveram. Os enunciados seguintes retratam as perdas de familiares, desencadeando sentimentos emotivos fortes no interlocutor.

Ela falou que minha mãe tava no terreiro de casa com a lama já batendo no joelho dela. *Aí veio uma onda e jogou ela para dentro da lama. E ela sumiu lá no meio da lama.* (Marcelo José Felício)

A última coisa que tive da minha filha foi um beijo, um abraço e mais nada. (Pamela Rayane)

Os enunciados: *veio uma onda e jogou ela pra dentro da lama* e *a última coisa que tive da minha filha foi um beijo, um abraço e mais nada* desencadeiam emoção e reforça que a ação foi inesperada e a mãe de Marcelo e a filha de Pamela não tiveram tempo para correr e sair daquela situação.

Nos enunciados seguintes, os narradores contam o que presenciaram, viram naquele dia, e narram os fatos segundo seus pontos de vista, seus olhares. As marcas da subjetividade no “quando nós”, “quando vi”, “quando fomos”, “eu” e a descrição de detalhes da lama destruindo as casas e levando pessoas possibilitam ao interlocutor uma construção visual do que os atingidos viveram, fortalecendo o poder de patemização dos discursos.

Quando nós chegamos ao alto, a lama já tinha ido e voltado. *Quando vi, veio uma árvore, bateu na minha casa, levantou e ela desmanchou de uma vez.* (Marinalva Salgado)

Eu acho que esse dia foi o *meu Dia D.* acho que cada um na vida tem o Dia D dele. É o dia que vai testar cada um, mas esse foi o *meu Dia D.* (Leonard Fasah)

Nesse momento de lanche, *eu* estava escutando um barulho. *Era como se fosse um motor ligado. Vem muito na minha mente turbina de avião.* (Mírian Carvalho)

Quando cheguei lá, no ônibus das 4, tavam avisando que a represa tinha arrebentado. Eu mesma não tava acreditando que tinha arrebentado não. (Nívea da Silva)

Foi uma correria, um chorava, um gritava. Todo mundo correu para a parte mais alta. (Edinaldo da Silva)

Quando eles ‘gritou’ que a barragem estourou, já não dava tempo de sair. *Quando fomos pra porta, a água já tava entrando em casa, levantando carro.* (Marcos Júnio de Souza)

Não existia Bento mais. Só existia as coisas indo pela água abaixo, pessoas no barro. (Maria do Carmo)

Cheiro de boi podre, quando o boi ta apodrecendo. Muito ruim. E aquilo ali atacou pra cabeça. (José Pascoal)

Os trechos assinalados descrevem o pânico dos atingidos e reconstróem o acontecimento, o que reforça o efeito patêmico: *veio uma árvore, bateu na minha casa, levantou e ela desmanchou de uma vez; Era como se fosse um motor ligado. Vem muito na minha mente turbina de avião; Foi uma correria, um chorava, um gritava. Todo mundo correu para a parte mais alta; A água já tava entrando em casa, levantando carro; Não existia Bento mais. Só existia as coisas indo pela água abaixo, pessoas no barro; Cheiro de boi podre.* Os enunciados provocam emoção ao constituírem a descrição ordenada de uma ação que se repete com os sujeitos diferentes.

Nos dois enunciados seguintes, temos dois atingidos que fazem menções a situações vividas ao lembrarem os animais de estimação que foram levados pela lama e o apego que tinham com eles.

Tranquilo nada. Acabou com a minha vida. Cachorro é a que a gente sente mais falta, galinha é fácil de repor, mas cachorro... (Geraldo da Silva)

Eu salvaria meu cachorro. Chamava Jason. Porque ele tomava conta da minha família. Eu criei ele para isso. (Onézio Souza)

A angústia e tristeza pela perda e a insatisfação com tudo que aconteceu podem ser vistas em *acabou com a minha vida; eu salvaria meu cachorro.* Já no enunciado seguinte, há o *topoi*: *se não fosse a mão de Deus; ninguém estaria ali* há a utilização da questão da fé, do desejo divino para que acontecesse a “fatalidade” que contribui para o efeito patêmico.

Se alguém não tem fé, eu tenho, porque existe a mão de Deus. Se não fosse a mão de Deus, ninguém taria lá. (Leontina Marcelino)

O discurso seguinte se constrói pelo comportamento delocutivo, ou seja, uma relação que se constitui com um terceiro, havendo um apagamento do locutor e do interlocutor. Percebe-se que no discurso relatado, que se caracteriza por um texto de outro locutor, o propósito é a fala do filho de Paula, que dá a entender ser uma criança: “Mamãe, aqui em Mariana tem ‘varragem’, não? Vamos precisar correr para morro não?”. Mostra-se, assim, uma criança preocupada com a possibilidade de uma nova situação de rompimento de barragem que desencadeia uma série de sentimentos no interlocutor.

Toda noite ele me acorda e fala: “Mamãe, aqui em Mariana tem ‘varragem’, não? Vamos precisar correr para morro não?” “Não, João Pedro, aqui estamos tranquilos”. (Paula Geralda Alves)

O vídeo é finalizado com um senhor de idade dizendo que é um acontecimento que não irá sair da memória dos atingidos, convidando o interlocutor, dessa forma, a não deixar uma brutalidade cair no esquecimento.

O que a gente viu, saindo de casa, percorrendo quase um quilômetro para correr de lama. A gente não vai esquecer nunca (José do Nascimento)

A partir do estudo sobre narrativas de vida, percebe-se que a capacidade argumentativa do locutor se direciona para que se cause no outro a sensação de desconforto diante à situação, e o emocione. Estruturando os relatos e as experiências de vida a fim de convencer o interlocutor da barbaridade do acontecimento por meio da voz dessas pessoas que estão marginalizadas na sociedade e não têm a oportunidade de narra suas experiências e trajetórias vivenciadas neste contexto.

Considerações finais

“Os detalhes diversos de uma maneira desaparecida de viver são a única maneira de perseguir a catástrofe”. O vídeo é finalizado com essa citação do livro, que inspirou a produção de *Vozes de Mariana*, o documentário “Vozes de Tchernóbil” da jornalista e escritora ucraniana, Svetlana Aleksíévitch, no qual os depoimentos das personagens das narrativas estão em primeira pessoa, sem “intervenção” do autor/narrador no produto editado. A partir dessa citação, subentende-se que uma das propostas do vídeo foi resgatar a memória do acontecimento por meio dos relatos dos atingidos. Constituindo, assim, que a memória é uma rede interdiscursiva de dizeres e saberes socialmente partilhados na e pela linguagem. Ela possui a capacidade de mobilizar a relação entre o sujeito e o seu entorno sócio-histórico. Halbwachs (2003) destaca que a memória deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações e mudanças constantes. Segundo o autor, as memórias são construções dos grupos sociais e são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. (HALBWACHS, 2003).

Mesmo que o jornal tenha privilegiado as falas dos atingidos para a composição do vídeo, a peça audiovisual passou por um processo de edição que tem a finalidade de selecionar e ordenar o produto de comunicação da forma que melhor direcione seu objetivo editorial. O termo “edição”, no sentido técnico jornalístico, está relacionado ao recorte e montagem final de um determinado produto impresso e/ou audiovisual. No manual de redação do jornal a “Folha de São Paulo” (2001, p. 33), há uma explicação sumária daquilo que seria, para a organização, o conceito de edição: “exposição hierárquica e contextualizada das notícias e distribuição espacial correta e interessante de reportagens, análises, artigos, críticas, fotos, desenhos e infográficos”. A explicação apresentada se fundamenta essencialmente na função editorial meramente técnica, já que questão subjetiva pessoal do editor não é levada em consideração como um dos componentes da atividade. Dessa forma, o trabalho de edição no jornalismo está vinculado ao planejamento, orientação e discussão das pautas, decisão de quais matérias entrarão ou não na edição e quais textos terão destaque, portanto há espaço para decisões particulares do próprio editor.

No audiovisual em questão, as decisões estão conjugadas com a questão das escolhas das imagens, da entrada das falas, do uso de fundo musical, enquadramento de um objeto e/ou pessoa, enfim, outras questões são postas. Afinal, a edição de um produto midiático audiovisual envolve uma série de elementos de cunho institucional, mercadológico e estético-visual que devem ser considerados. O editor escolhe, seleciona, define, hierarquiza e publica dentro alguns critérios que podem estar associados com a direção, roteiro prévio, produção de som e imagem, montagem, elaboração e revisão do texto,

linha editorial da empresa jornalística, contato com os entrevistados, escolhas do o que irá ao “ar” são alguns dos itens levados em consideração.

Nesse trabalho, o editor utilizou estratégias patêmicas ao privilegiar palavras que descrevem e desencadeiam emoção e imagens em que as pessoas estão mais sensibilizadas para falarem sobre o assunto. Os enunciadores podem ter provocado no espectador uma série de emoções, como os sentimentos de compaixão e raiva. Quando a mídia dá espaço para essas pessoas marginalizadas, principalmente, vítimas de uma “fatalidade”, há um predomínio de estratégias patêmicas que reforçam o sofrimento daquelas. Mesmo sendo um vídeo que está em um portal de notícias de um veículo tradicional midiático, que pertence a grande mídia, o locutor recorreu a variadas estratégias de patemização visando à persuasão de seu destinatário.

Para além das especificidades técnicas que caracterizam a produção e a edição de um trabalho audiovisual, não se pode deixar de problematizar a escolha de seu conteúdo, das cenas, das narrativas, das escolhas dos trechos, dos léxicos, as introduções temáticas sugeridas pelos jornalistas, a maneira como conduziram as perguntas, entre outros. Na perspectiva de Gramsci, segundo Moraes (2013), a imprensa, o jornalismo e os jornalistas “são agentes históricos essenciais no direcionamento da opinião pública, interferindo nos processos de conservação ou modificação das formas de hegemonia político-culturais”. A modificação das formas hegemônicas ocorre por meio de projetos jornalísticos alternativos, comprometidos com ações contra-hegemônicas, como essa peça audiovisual *Vozes de Mariana*. Ações contra-hegemônicas são compreendidas como instrumentos para criar uma nova forma ético-política, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar superar as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista, afinal, vivemos em uma sociedade marcada pela concentração dos grandes meios de comunicação e pelas intensas desigualdades sociais e tecnológicas.

Neste sentido, esses espaços midiáticos surgem como alternativas aos sujeitos marginalizados, aos movimentos sociais, que encontram lugar para emitirem opinião e projetarem suas vozes, por meio de narrativas que descrevem de modo transparente o ocorrido, a fim de que suas causas sejam conhecidas e possam promover reflexão, debates e oportunizem novos espaços. No caso da peça que aqui foi avaliada, observam-se depoimentos construídos em cima de muita emoção, por reviverem a situação de desespero e exporem a brutalidade do acontecimento seguido da irresponsabilidade da organização responsável pelo acidente, embora sua referência esteja no nível do subentendido. A escolha dos sintagmas expressa a dor e o sofrimento a que foram e estão submetidos, pois, para eles, como bem relatou uma atingida, “o acidente não aconteceu, está acontecendo”. De fato, o acidente acontece diariamente na vida dos atingidos quando se deparam com a demora e a lentidão da justiça, quando não veem a reconstrução de suas casas, a retomada de seus espaços, porque ainda não conseguiram vislumbrar um novo lugar, a possibilidade de um recomeço. As escolhas dos léxicos nas vozes dos atingidos, como por exemplo, *cruel*, *muito cruel*, apontam para um lugar de forte emoção e demonstra dor e a tristeza, mas também a indignação, a revolta.

Expressam também a importância de se criar uma agenda de discussão que possa evidenciar a atividade de mineração no Estado e a intensa dependência financeira a que os municípios e microrregiões envolvidos estão submetidos. É preciso levantar reflexões sobre temas como: esgotamento dos recursos minerais, o modelo de extração,

infraestruturas, proximidade de reservas e de populações tradicionais, divisão dos lucros, desigualdades e explorações, interesses políticos, entre outros. Não se pode correr o risco de se naturalizar o que aconteceu em Mariana. É por isso que: “por cada morador morto em Mariana, nem mais um minuto de silêncio”.

Referências:

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BRASIL, Portal (2015). Entenda o acidente de Mariana e suas consequências para o meio ambiente. **Disponível em:** <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/12/entenda-o-acidente-de-mariana-e-suas-consequencias-para-o-meio-ambiente>. Acesso em 10/03/2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **A patemização na televisão como estratégia de autenticidade**. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.). As emoções no discurso. Mercado Letras, Campinas (SP), 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FIOCRUZ, (2016). **Fiocruz e outras entidades divulgam manifesto em apoio às vítimas da tragédia provocada pela Samarco**. Disponível em <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/blog/fiocruz-e-mais-20-entidades-divulgam-manifesto-em-apoio-as-vitimas-da-tragedia-provocada-pela-samarco/>. Acesso em 10/02/2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

MACHADO, Ida Lúcia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Portugal: Grácio Editor, 2016.

MORAES, Dênis. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In.: Moraes, D.; Ramonet, I.; Serrano, P. (orgs.) **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo, p. 103-144, 2013.